



Intervenções Assistidas por Animais por um Olhar da Fenomenologia

Danusa Teixeira Moraes¹
Valéria Marques de Oliveira²
André Vinícius Dias Senra³

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre as intervenções assistidas por animais na psicologia, sob a ótica da fenomenologia. O estudo foi realizado em duas etapas. Na primeira realizou-se uma pesquisa do tipo levantamento bibliográfico em plataformas online. No processo de seleção dos dados, constatou-se que, apesar da existência de trabalhos publicados sobre intervenções assistidas por animais que apontam o sucesso da prática, poucos realizavam uma análise psicológica teórica aprofundada das intervenções. Os critérios de busca foram: 1) ser realizado no Brasil; 2) publicado entre 2010 e 2019; 3) apresentar formas da utilização de animais em intervenções direcionadas ao desenvolvimento psíquico e bem-estar humano; e 4) possuir análise do processo psicoterapêutico sob a ótica da fenomenologia. Com estes critérios foram encontrados apenas 5 trabalhos, todos do mesmo grupo de pesquisas, da Universidade Federal do Maranhão. A segunda etapa da investigação consistiu em realizar uma análise qualitativa e fenomenológica dos dados coletados destes trabalhos selecionados, visando identificar elementos na prática, com base em conceitos de Husserl, buscando entender melhor o sucesso das intervenções assistidas por animais. As reflexões mostraram que, num olhar fenomenológico, o sucesso nas intervenções assistidas por animais se dá pelo vínculo estabelecido na relação entre humano e não humano, ou seja, não pode ser criado um procedimento, ou um roteiro técnico nas intervenções, pois cada ser (animal humano e não humano) é único, e o vínculo estabelecido, a vivência empática, também são únicos. O sucesso está no vínculo e não na técnica, ou no procedimento prático. Adicionalmente, as reflexões mostraram que a perspectiva fenomenológica, que coloca a pessoa, e não o funcionamento do psiquismo como centro da atividade terapêutica, tem muito a ganhar se realizada com intervenções assistidas por animais.

Palavras-chave: Intervenções Assistidas por Animais; Fenomenologia; Vínculo empático.

Abstract

This article proposes a reflection on animal-assisted interventions in psychology, under the perspective of phenomenology. The study was carried out in two stages. In the first, a bibliographic survey was carried out on online platforms. In the data selection process, it was found that, despite the existence of published works on interventions assisted by animals that point out the success of the practice, few carried out an in-depth theoretical psychological analysis of the interventions. The search criteria were: 1) to be carried out in Brazil; 2) published between 2010 and 2019; 3) to present ways of using animals in interventions aimed at psychological development and human well-being; and 4) have an analysis of the psychotherapeutic process from the perspective of phenomenology. With these criteria, only 5 papers were found, all from the same research group, from the Federal University of Maranhão. The second stage of the investigation consisted of carrying out a qualitative and phenomenological analysis of the data collected from these selected works, aiming to identify elements in practice, based on Husserl's concepts, seeking to better understand the success of animal-assisted interventions. The reflections showed that, from a phenomenological point of view, success in animal-assisted interventions is due to the link established in the relationship between human and non-human, that is, a procedure or technical script cannot be created in the interventions, as each being (human and non-human animal) is unique, and the bond established, the empathic experience, are also unique. Success is in the bond and not in the technique, or in the practical procedure. In addition, the reflections showed that the





phenomenological perspective, which places the person, and not the functioning of the psyche as the center of therapeutic activity, has much to gain if carried out with animal-assisted interventions.

Keywords: Animal-Assisted Interventions; Phenomenology; Empathic bond.

¹ Psicóloga e mestra em Psicologia (UFRRJ). E-mail: danusapsicologa@gmail.com

² Professora doutora no Programa de Pós Graduação Stricto Sensu Em Psicologia na UFRRJ. Psicologia (UERJ). Pedagoga (Instituto Isabel). Mestrado em Educação (UERJ). Doutorado em Psicologia (UFRJ). Email: valeriamarques@ufrj.br

³ Professor doutor no IFRJ-VR. Graduado em Filosofia (UERJ), Mestrado em Filosofia (PUC-RJ), Doutorado em História e Filosofia da Ciência (UFRJ). E-mail: andre.senna@ifrj.edu.br

O objetivo do presente trabalho foi refletir sobre as intervenções assistidas por animais (IAA) aplicadas na psicologia sob a ótica da fenomenologia. Com a reflexão busca-se identificar elementos que possam explicar o sucesso desta prática, contribuindo, assim, com o seu melhor entendimento e desenvolvimento.

A psicoterapia fenomenológica, derivada do movimento filosófico chamado fenomenologia, apresentado inicialmente por Edmund Husserl, coloca a pessoa, e não o funcionamento do psiquismo, como centro da atividade psicoterapêutica. A fenomenologia vê o homem como ser integral e como ele se mostra e se relaciona com o mundo, e o estudo desta relação pode ser facilitado na presença de animais não humanos. Porém, é importante destacar que, neste caso, os animais devem ser considerados como seres empáticos, capazes de acolher, e não como meros objetos a serem descartados.

Existem diversos trabalhos publicados sobre Terapia Assistida por Animais (TAA) contudo, buscou-se conhecer o recorte a partir da perspectiva fenomenológica. O conhecimento dos fatores responsáveis pelo sucesso das Intervenções Assistidas por Animais (IAA), pode contribuir para o aprimoramento das intervenções, o que justifica a realização do presente trabalho.

Fenomenologia

A fenomenologia foi apresentada por Edmund Husserl (1859-1938) no início do século XX, na Alemanha, como um novo

método de investigação filosófica. Tinha como objetivo a instauração de uma disciplina científica que fosse capaz de estudar os fenômenos psíquicos e subjetivos de forma plena e com qualidade, coisa que as ciências positivas e naturalísticas, como a química, a física e a biologia, não podiam realizar (Cerbone, 2012).

A fenomenologia foi criada como crítica aos pensamentos idealistas e positivistas. Se opõe ao idealismo propondo um retorno à objetividade, e se distancia do positivismo, das ciências da natureza, em busca do ser essencial das coisas, ou seja, em busca o conhecimento das essências (Cerbone, 2012; Giovanetti, 2018; Sokolowski, 2012).

Diferentemente do predicamento egocêntrico de tradições cartesiana, hobbesiana e lockiana, onde a nossa consciência é considerada como uma caixa hermeticamente fechada, e cada um tem seu próprio mundo privado, na fenomenologia, consciência não é considerada como algo independente do mundo, dos outros e dos objetos. Para a fenomenologia, a concepção de uma consciência intencional implica no fato da consciência ser sempre consciência de algo e aberta ao mundo (Cerbone, 2012; Sokolowski, 2012).

A intenção, segundo a fenomenologia, significa a relação de consciência que nós temos com um objeto. Cada experiência do ser é um ato de consciência, é intencional, e é essencialmente “consciência de” ou uma “experiência de” algo ou de outrem. Cada ato





de consciência, cada experiência, é correlata com um objeto. Cada intenção tem seu objeto intencionado (Cerbone, 2012; Sokolowski, 2012).

De acordo com Cerbone (2012, p.17), para Husserl:

[...] a intencionalidade é “a marca do mental”, e assim podemos considerá-lo como generalizando essas observações sobre o pensamento para a noção da experiência consciente em sua totalidade. Toda experiência consciente, à medida que exibe intencionalidade, tem uma estrutura essencial que é independente dos particulares empíricos de qualquer ente ao qual pertença a experiência. Dada essa independência, a estrutura essencial da experiência não pode ser entendida naturalisticamente, ou seja, em termos dos estados e processos psicológicos empíricos que podem ser causalmente responsáveis por entes tendo essa experiência.

Na fenomenologia husserliana, o que importa é como o objeto se mostra à consciência, e não sua existência e características. Pode-se tomar como exemplo o objeto árvore que, para um marceneiro aparece como uma matéria prima para fabricação de móveis, para um viajante como um lugar que o promove sombra para descansar, e para um artista como um objeto que embeleza a paisagem. Para a fenomenologia, não interessa a constituição do objeto árvore, suas características físicas ou químicas, dentre outros aspectos, mas sim como ela se manifesta ao ser. A fenomenologia supera a visão objetivante das ciências naturais, sendo importante, para ela, captar o sentido e os significados, ou seja, as essências (Giovanetti, 2018).

Fenomenologia nada mais é que o estudo de fenômenos. Para Husserl, fenômeno é a observação intelectual pura, deixado de lado todos os preconceitos e ideias preconcebidas. É necessário voltar-se as próprias coisas como se apresentam, não se deixando desviar do fenômeno (Cerbone, 2012).

Para que seja possível que se desligue dos objetos em si e se volte ao sentido que emerge da relação da consciência com o objeto, Husserl lança mão de um método com duas operações: a redução eidética e a redução transcendental (Giovanetti, 2018).

A redução eidética tem a função de reduzir os fenômenos dados à consciência à sua essência. Para tal deve-se colocar a realidade concreta entre parênteses, não negando sua realidade, mas buscando como a realidade se manifesta ao ser. Deve-se suspender a postura ingênua e dogmática para captar o sentido, a essência, dos fenômenos. Voltando ao exemplo do objeto árvore, não interessa a estrutura da árvore, mas como ela é captada, ou seja, o que interessa é como a árvore se manifesta ao ser (Giovanetti, 2018). “Essa atitude de colocar em parênteses todas as teorias explicativas da realidade, e se fixar naquilo que se manifesta, é o que Husserl chama de redução filosófica, de *epoché* [...]” (Giovanetti, 2018, p. 15).

Na redução transcendental deve-se suspender o mundo e o sujeito empírico ao mesmo tempo, para investigar a correlação entre a idealidade do mundo e a idealidade da consciência do mundo. Esta operação tem a intensão de compreender quem é o sujeito que elabora o sentido, mas não como indivíduo, como sujeito concreto, mas como um sujeito universal, com características universais comuns a todo homem. Nesta operação busca-se o sujeito transcendental, puro, e não o sujeito particular, empírico (Giovanetti, 2018).

Apesar de Husserl não ter criado a fenomenologia com intenção clínica, seus conceitos são aplicados, e de forma bastante satisfatória, em atividades psicoterápicas.

O sucesso da prática psicoterápica com atitude fenomenológica depende, primeiramente, do estabelecimento de um acolhimento a pessoa por parte do psicoterapeuta. O acolhimento é importante para que, já no primeiro momento, a pessoa se sinta confortável e segura para expressar os



fenômenos da melhor maneira possível, em seu tempo e ritmo, pois será exposto sua intimidade, seu bem mais precioso. Em outras palavras, preciso o estabelecimento de uma relação interpessoal estimulante ao desvelamento de si no processo psicoterapêutico (Cardoso, 2018).

Vínculo estabelecido deve-se lançar mão às reduções propostas por Husserl. A pessoa deve ser colocada no centro da atividade terapêutica na busca não só do funcionamento de seu psíquico, mas também do seu corporal e do seu espiritual, pois esse só poderá ser entendido na sua especificidade se interligado ao corpóreo e ao espiritual. O foco não é o sintoma, mas a pessoa que vive com o determinado sintoma, se passando do sintoma para o fenômeno. E é a intencionalidade da consciência que atribui sentido ao fenômeno que se apresenta e, por isso, “[...] podemos considerar que não temos acesso direto as coisas do mundo, mas apenas aos fenômenos que se apresentam a nossa consciência”. (Cardoso, 2018, p. 35).

Na psicoterapia fenomenológica trabalha-se não com o fato, mas com a representação do fato. Os dados, que serão objetos da análise, são obtidos pela pessoa em tratamento, e o psicoterapeuta depende da descrição espontânea da experiência feita pelo cliente/paciente, a partir da sua perspectiva. Cabe ao psicoterapeuta conectar-se direta e imediatamente com o mundo conforme a pessoa em tratamento o experiencia, identificando os sentidos implícitos. Não há enquadramento do distúrbio psicológico em diagnósticos pré-determinados. Na fenomenologia não se aplica uma categoria de doença à queixa e aos sintomas apresentados, mas deve-se compreender toda a dinâmica existencial da pessoa. Assim, “[...] não se busca tratar a doença em si; em contrapartida, se procura tratar o homem doente.” (Giovanetti, 2018, p. 27).

É preciso que ocorra empatia, e não pré-julgamentos que possam interferir na compreensão dos fenômenos descritos. Se a

história contada pela pessoa sofrer a interferência das interpretações do psicoterapeuta, ele não terá acesso aos sentidos daquela história atribuídos a pessoa em tratamento, mas nos sentidos daquela história atribuídos a ele mesmo. Isso pode ser possível em psicoterapia, mas não se enquadra numa abordagem fenomenológica (Cardoso, 2018).

Os psicoterapeutas podem lançar mão de métodos ou técnicas que facilitem o processo de acolhimento e de empatia, e que façam as pessoas se sentirem mais à vontade para descreverem suas experiências de forma clara e precisa. A presença de animais em psicoterapia vem proporcionando isso, além de permitir ao psicoterapeuta a observação da interação da pessoa com outros seres, podendo, assim, observar, mesmo que de forma bem limitada, o fenômeno, não dependendo inteiramente o relato feito. O uso de animais em psicoterapias se enquadra nas chamadas Intervenções Assistidas por Animais (IAA).

Terapias assistidas por animais

As relações entre animais humanos e não humanos ocorrem desde a Era Paleolítica, sofrendo modificações ao longo dos anos até os dias atuais (Chelini & Otta, 2016). Porém, o uso direcionado de animais para o bem-estar humano data de 400 a.C., quando Hipócrates (458-370 a.C.), considerado o pai da medicina, fez referência à equitação, no seu Livro das Dietas, como fator regenerador da saúde, sobretudo para o tratamento da insônia (Silva, 2004). Após Hipócrates, a utilização de animais para fins terapêuticos foi relatada apenas no século IX, em Gheel, na Bélgica, quando foi permitido que pessoas com necessidades especiais cuidassem de animais domésticos como componente da intervenção terapêutica (Mendonça et. al, 2014). A intervenção posterior foi relatada em 1792, na Inglaterra, com um grupo que se motivou a atender de forma mais gentil pessoas com deficiência mental, a maioria com



esquizofrenia (Mendonça et al., 2014; Chelini & Otta, 2016).

Terapias Assistidas por Animais (TAA) é um termo contemporâneo utilizado quando há utilização de animais não humanos direcionada para o bem-estar humano de modo proposital, com intuito terapêutico.

No Brasil, os primeiros registros de TAA foram da médica psiquiatra Dra. Nise da Silveira nas décadas de 50 e 60, que permitia que pessoas acometidas de esquizofrenia internados no hospital Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, tivessem contato com cachorros e gatos em sua terapia ocupacional. O objetivo era atrair atenção e afeto entre os seres, promovendo aos internos uma ponte com o mundo real. Dra. Nise trabalhou respeitando a individualidade de cada interno, e rompeu com os moldes da psiquiatria da época, que eram reconhecidamente desumanos e ineficientes.

Ainda no Brasil, mais precisamente em São Paulo, a também pioneira em IAA, a Veterinária e Doutora em Psicologia Hannelore Fuchs, pesquisou o sentido psicológico do animal de estimação para os indivíduos em sua tese de doutorado, e fundou a ONG *Pet Smile* em 1985, com objetivo de ajudar as pessoas em seu desenvolvimento da autoconfiança e habilidades motoras, e diminuindo a ansiedade (Chelini & Otta, 2016).

De uma forma geral, as TAA têm o objetivo de desenvolver e melhorar aspectos sociais, físicos, emocionais e cognitivos dos participantes. Na área da psicologia, foco do presente trabalho, é utilizada como auxílio no tratamento de diversas patologias como síndromes genéticas, hiperatividade, ansiedade, depressão, mal de Alzheimer, lesão cerebral, entre outras (Machado et al., 2008).

Chelini e Otta (2016) descrevem que no processo psicoterapêutico os clientes/pacientes projetam seus sentimentos no terapeuta não humano, principalmente por perceberem que o animal é tão vulnerável quanto ele, tornando possível a expressão de

seus sentimentos aos psicólogos. Acreditam que para o processo psicoterapêutico deve ocorrer uma identificação projetiva, ou seja, deve ocorrer uma identificação com o animal, onde este passa a ajudar na recuperação, tornando-se a força motivadora que melhora o tratamento.

Silveira (1992) afirma que os terapeutas não humanos são excelentes catalisadores e que a presença de animais trazia inúmeras vantagens em seu trabalho com clientes psiquiátricos. Sendo assim, a inserção de um animal nas intervenções assistidas, não o faz ser um coadjuvante, e sim um coterapeuta facilitador no interagir com o paciente/cliente.

Metodologia

O presente trabalho foi dividido em duas etapas. Na primeira etapa, realizou-se uma pesquisa bibliográfica com o intuito de identificar, na literatura, trabalhos que apresentassem análise do processo psicoterapêutico das IAA com fundamentação teórica da psicologia. A coleta de dados foi realizada com os seguintes critérios de busca: 1) realizado no Brasil; 2) publicado entre 2010 e 2019; 3) apresenta formas da utilização de animais em intervenções direcionadas ao desenvolvimento psíquico e bem-estar humano; e 4) possui análise do processo psicoterapêutico sob a óptica da fenomenologia.

A busca dos trabalhos foi realizada nas plataformas: *Google Acadêmico*, *Periódicos Acadêmicos em Psicologia (PEPSIC)*, *Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS)* e *Scientific Electronic Library Online (SCIELO)*. Os trabalhos foram buscados no período de Agosto de 2018 a Julho de 2019. As combinações de palavras-chave utilizadas foram:

- 1ª pesquisa: “intervenção”, “assistida”, “animais” e “fenomenologia”.
- 2ª pesquisa: “intervenções”, “assistidas”, “animais” e “fenomenologia”.





- 3ª pesquisa: “terapia”, “assistida”, “animais” e “fenomenologia”.
- 4ª pesquisa: “terapia”, “assistida”, “equino” e “fenomenologia”.
- 5ª pesquisa: “terapia”, “assistida”, “equinos” e “fenomenologia”.
- 6ª pesquisa: “terapia”, “assistida”, “cavalo” e “fenomenologia”.
- 7ª pesquisa: “terapia”, “assistida”, “cão” e “fenomenologia”.

A segunda etapa consistiu em realizar uma análise qualitativa e fenomenológica dos dados coletados dos trabalhos selecionados, visando identificar elementos na prática das

IAA correlacionados com a prática da psicoterapia fenomenológica, com base em conceitos de Husserl, buscando entender melhor o sucesso das IAA. É importante destacar que na análise fenomenológica não se busca constatação ou validação de hipóteses ou teorias, mas se objetiva conhecer, compreender, descrever e evidenciar os fenômenos, na forma que se apresentam à consciência intencional do pesquisador (Goto, 2008).

Trabalhos publicados selecionados

A Tabela 1 mostra os trabalhos selecionados a partir dos critérios estabelecidos acima.

Trabalho	Ano	Autor(es)	Título
1	2017	Borba, J. M. P.	Contribuições da educação assistida por animais – EAA para a psicologia da educação: uma análise fenomenológica. <i>InterEspaço</i> , Grajaú/MA, v. 3, n. 11, p. 187-210, dez. 2017.
2	2017	Souza, R. L. V.	<i>A equoterapia enquanto possibilidade de vivência empática</i> . Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, com formação em psicólogo.
3	2018	Bastos, F. F. & Borba, J. M. P.	<i>A terapia assistida por animais (TAA) e a psicologia: um estudo fenomenológico das diferentes modalidades de vínculos homem-animal na terapêutica</i> .
4	2018	Bastos, F. F.	<i>Acompanhamento terapêutico (AT), terapia assistida por animais (TAA) e psicologia fenomenológica: diálogos de uma prática integrada sustentada pelo conceito de mundo-da-vida</i> . Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão para obtenção de grau de Psicólogo.
5	2019	Silva, L. V. C.	<i>Diálogos entre as intervenções assistidas por animais – IAAs e a psicopatologia fenomenológica: possibilidades clínicas de intervenção em psicologia</i> . Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Para facilitar os trabalhos analisados foram identificados como trabalho 1 a trabalho 5, conforme relacionados na Tabela 1.

O trabalho 1, de Borba (2017), teve como objetivo a sistematização e apresentação de estudos e pesquisas que apontam as contribuições da EAA para a psicologia da



educação, como possibilidade enquanto prática com fundamentação teórica, metodológica e epistemológica consistente, e não um modismo, como descreve o pesquisador. A investigação foi orientada pelo método fenomenológico buscando a suspensão de hipóteses científicas, o que permitiu a atenção total no que se apresentou à consciência intencional do pesquisador. Os resultados obtidos evidenciam os benefícios da relação entre animais humano e não humano, para ambos, no contexto escolar, dentro ou fora da sala de aula, sendo uma alternativa para lidar com dificuldades de aprendizagem, evitando a medicalização, quando possível. Sendo assim, o autor indica as EAA como sendo uma alternativa viável para lidar com transtornos psicológicos ligados à educação.

No trabalho 2, de Souza (2017), foi realizada uma pesquisa qualitativa de cunho fenomenológico, utilizando a fenomenologia de Edmund Husserl e Edith Stein (1891-1942) como a fundamentação epistemológica, teórica e metodológica na análise dos fenômenos evidentes na equoterapia. A partir de registro das observações, pesquisa bibliográfica, documental e no meio virtual a autora relata a percepção de que a relação humano e não humano possui troca contínua, recíproca e afetiva, evidenciando extremo carinho e cuidado da pessoa em atendimento com o equino, em uma troca de sentimentos, atos e percepções, tendo resposta do animal, de sua maneira. Assim, a autora identifica a presença de empatia nesta relação humano e não humano, o que é positivo para o humano, que se coloca à disposição do bem estar do outro, despertando e colaborando para suas relações de afeto, cuidado, e relações mais harmoniosas na sociedade.

No trabalho 3, de Bastos e Borba (2018), os autores utilizaram a fenomenologia husserliana com método para análise das diferentes modalidades e manifestações do fenômeno das relações entre humanos e demais animais, dando um enfoque em como

essas relações e vínculos promovem o processo psicoterapêutico nas IAA. Os autores mostram as diferentes modalidades de uso de animais não humanos para fins terapêuticos de humanos, a primeira sendo o uso desses como objeto, anulando-o enquanto outro, e a segunda reconhecendo-o enquanto outro, permitindo a manifestação de empatia, alteridade, respeito e suas manifestações próprias e espontâneas. Segundo os autores este vínculo entre humanos e não humanos permite uma prática terapêutica onde não só é possível obter os benefícios metrificados e reconhecidos pela ciência como resultados positivos das IAA, mas também desperta um sentido de cuidado com o outro, resultando em autocuidado. Neste sentido o ser adoecido ultrapassa as barreiras impostas pela doença, sendo capaz de dar novo sentido à sua existência, mesmo que outrora, adoecida. Os autores apresentam duas diferentes abordagens para compreensão do processo terapêutico, a primeira correspondendo ao modo de pesquisa das ciências naturais, que no caso se limita a justificar os benefícios nas IAA no bem-estar humano sob aspectos metrificáveis e mensuráveis, e a segunda permite a compreensão do fenômeno como se manifesta, estudando o processo terapêutico de forma mais ampla, incluindo o vínculo entre os seres.

O trabalho 4, de Bastos (2018), trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo e cujo referencial epistemológico e metodológico foi a fenomenologia. O objetivo do trabalho foi investigar as possibilidades de integração entre o acompanhamento terapêutico (AT) e a Terapia Assistida por Animais (TAA), dentro do conceito de psicologia fenomenológica, seguindo o conceito de mundo-da-vida de Husserl. De uma forma geral os resultados mostraram que o fenômeno da TAA e do AT possuem alguns aspectos semelhantes em suas estruturas essenciais, que podem possibilitar uma prática integrada.





O trabalho 5, de Silva (2019), teve como objetivo principal a apresentação das contribuições das IAA para a compreensão dos fenômenos psicopatológicos descritos pelo psiquiatra e filósofo alemão Karl Jaspers, influenciado pela Fenomenologia de Edmund Husserl. Conforme descrito no trabalho a psicopatologia de Jaspers tem como principal característica a compreensão da história de vida do paciente e a sua forma de estabelecer relações com o outro e com o mundo, ao invés de somente explicar a realidade objetiva. A pesquisa teve caráter qualitativo, e adotou a atitude e o método fenomenológico husserlianos. Foram realizadas buscas em bases eletrônicas por trabalhos publicados no período de 2008 a 2018 em português ou espanhol, tendo como temática as IAA para a promoção de saúde existencial. Os resultados mostram que as IAA proporcionam benefícios físicos, sociais e psíquicos aos pacientes com transtornos psicológicos. A interação descontraída, afetiva e livre de preconceitos entre humano e não humano permite melhor comunicação e compreensão dos fenômenos psicopatológicos pelo psicoterapeuta, facilitando que esse acesse de maneira mais efetiva o mundo do paciente para compreendê-lo. Além disso, o animal também exerce a função de afeto catalisador sendo um ponto de contato do paciente com a realidade, mediando assim a formação de vínculos com outras pessoas.

Discussões

Primeiramente é importante destacar que, de todas as plataformas pesquisadas, com os critérios de seleção estabelecidos, foram encontrados trabalhos apenas no Google Acadêmico. Outra observação importante é que os cinco trabalhos selecionados pertencem ao mesmo grupo de pesquisas, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão. Estes resultados reafirmam o que foi levantado na introdução, ou seja, que existem poucos trabalhos

publicados sobre IAA com fundamentação teórica em psicologia.

Conforme apresentado anteriormente, a psicologia foi fortemente influenciada pela ciência natural, tornando-se uma ciência natural da consciência, uma ciência limitada, fruto de pesquisas abstratas, que minimizam ou ignoram as vivências. Neste sentido, historicamente os cursos de psicologia, em geral, ensinam a conhecer o homem por intermédio das ações e comportamentos de animais não humanos, utilizando generalizações, onde os animais são maltratados e até mortos em nome da ciência

Esta tradição provavelmente influenciou nas investigações acerca do processo psicoterapêutico das IAA. Alguns trabalhos analisados mostram, de uma forma geral, que estudos da ciência tradicional tentam sistematizar e padronizar a prática das IAA para garantir o sucesso, mas até o momento não obtiveram êxito significativo. Os trabalhos 2 (de Souza, 2017) e 3 (de Bastos & Borba, 2018) chamam a atenção para o fato de que a ciência natural não é capaz de “enxergar” os fenômenos que ocorrem na relação decorrente das intervenções. Desta forma, os trabalhos mostram a importância de se estudar os aspectos do processo psicoterapêutico que ocorrem nas IAA sob a óptica da fenomenologia, prática capaz de identificar fenômenos “invisíveis” para a ciência natural.

O trabalho 2 (de Souza, 2017) relata a falha de um projeto de utilização de cavalos mecânicos (simulador físico) na prática da equoterapia, com o objetivo de diminuir custos. Cientificamente esperava-se que a simulação do balanço do equino fosse suficiente para promover o bem-estar humano, mas isto não ocorreu na mesma proporção da equoterapia em si. Mas por que não?

Historicamente o ser humano se relaciona com os outros animais. A relação apresenta aspectos diferentes em função da época, dos costumes e religiosidade, conforme





descrito anteriormente, mas, na maioria dos casos a história mostra, de certa forma, uma vivência empática entre os seres, sendo os animais não humanos reconhecidos como outro, e não como menos objetos descartáveis.

Analisando os trabalhos 1 (de Borba, 2017), 2 (de Souza, 2017), e 3 (de Bastos & Borba, 2018) pode-se concluir que o elemento mais importante para o sucesso das IAA está na relação entre humanos e não humanos, e é a ocorrência de empatia nesta relação que faz a diferença. É importante destacar que, conforme Ranieri e Barreira (2012), para que ocorra o fenômeno de vivência empática é preciso que um esteja aberto para o outro, ou seja, o vínculo que se estabelece pela empatia não pode ser imposto.

O acolhimento empático é enfatizado no trabalho 1, que traz contribuições acerca das IAA na psicologia da educação. O autor chama a atenção para o fato de que, seguindo a orientação fenomenológica, “[...] ao entrar em contato com o aluno, o professor e a equipe pedagógica devem focar seus olhares para a pessoa em situação de aprendizagem e não para o transtorno ou para a dificuldade.” (Borba, 2017, p. 199). Muitas vezes isso não acontece, resultando em identificação, rotulação e medicalização indiscriminada de crianças, sendo comuns diagnósticos de Transtorno de Déficit de Atenção e/ou Hiperatividade (TDAH), por exemplo. Sobre a relação entre as crianças e os animais, Borba (2017, p. 199) descreve que “O animal no lugar de coterapeuta estabelece o vínculo imediato com a criança, porque não vê o transtorno, nem a criança com dificuldade. Isso possibilita o acesso ao mundo vivido pela criança e a compreensão do que ocorre com ela.”

O trabalho 2, de Souza (2017), por sua vez, busca a essência da vivência empática entre homem e cavalo em seções de equoterapia. A autora relata que o vínculo afetivo que a pessoa em tratamento estabelece com o equino é o primeiro passo para o sucesso da psicoterapia, pois abre caminho

para a comunicação com o psicoterapeuta. Destaca também que com a empatia o humano se coloca à disposição do bem estar do animal não humano, o que colabora para suas relações de afeto e cuidado e, conseqüentemente, maior harmonia nas relações na sociedade. Para a autora a função do animal é de ser um facilitador para o trabalho do psicólogo, não importando a abordagem psicológica utilizada. Por fim, relata que o vínculo do psicoterapeuta com o animal serve de exemplo, gerando mais confiança no desenvolvimento da relação com o profissional.

No trabalho 3, de Bastos e Borba (2018), estudou-se como as relações e vínculos entre humanos e não humanos, nas IAA, permitem um processo psicoterapêutico de sucesso. Os resultados mostram que existem duas diferentes modalidades de relação, uma que anula o não humano enquanto outro, e o assume no lugar de um objeto, recurso ou instrumento, e outra na qual o não humano é reconhecido enquanto outro, com manifestação de empatia, alteridade e respeito na relação, sendo estes aspectos responsáveis pelo sucesso das IAA.

Para Ranieri e Barreira (2012), de uma forma simplificada, ter empatia é reconhecer o outro como outro eu. Segundo os autores, numa perspectiva fenomenológica sempre que há encontro ocorre empatia como vivência. Conforme descrito no trabalho 2, na equoterapia, a vivência empática ocorre no reconhecimento não de outro semelhante, mas de outro divergente, o que se dá, primeiramente, pela corporeidade que, de imediato, se mostra diferente da humana. Sobretudo, a empatia permite o reconhecimento do outro que, como eu, vive.

Conforme descrito anteriormente, um elemento importante para que a psicoterapia fenomenológica obtenha sucesso é justamente o acolhimento empático à pessoa por parte do psicoterapeuta. É preciso que ocorra a conexão empática entre os indivíduos, com objetivo de conhecer subjetivamente a



experiência vivida da pessoa (Cardoso, 2018). Como mostram os trabalhos analisados, a interação com animais não humanos é bastante eficaz no quesito acolhimento empático, visto que a relação entre animais humanos e não humanos envolve troca imediata de afeto, deixando a pessoa mais relaxada e mais aberta para a intervenção. O animal não humano não tem preconceitos ou crivos sociais, e não reconhece os transtornos ou diagnósticos que possam criar barreiras ao estabelecimento do vínculo com o humano.

A psicoterapia fenomenológica possui aspectos muito importantes e peculiares que devem ser seguidos na prática clínica, alguns descritos anteriormente no presente trabalho. É importante ter em mente que os dados que serão objetos de análise são obtidos por outra pessoa, ou seja, pela própria pessoa em tratamento ou por alguém próximo, e não pelo psicoterapeuta. Assim sendo, a experiência será descrita a partir da perspectiva de outra pessoa e não do psicoterapeuta, que terá que investigar os fenômenos, o que aparece à luz da consciência (Cardoso, 2018). Conforme descrito nos trabalhos analisados as IAA, como complementares à psicoterapia, permitem uma possibilidade terapêutica ao permitir o acesso à aspectos do mundo-da-vida da pessoa atendida, permitindo inclusive mudanças nas relações do mundo-da-vida destas pessoas, baseado na vinculação com um outro envolvido no processo terapêutico, no caso com o animal não humano. De uma forma geral os trabalhos analisados mostram que as IAA permitem que o profissional tenha uma visão holística do ser, permitindo a análise transcendental proposta pela fenomenologia.

O trabalho 4, de Bastos (2018), teve como objetivo analisar, na literatura, limites e possibilidades de uma prática integrada entre TAA e acompanhamento terapêutico (AT), alternativa à internação psiquiátrica, subsidiado no conceito de mundo-da-vida da fenomenologia de Husserl. Os resultados mostram que as duas práticas possuem

aspectos semelhantes em suas estruturas essenciais, que podem possibilitar uma prática integrada.

O trabalho 5, de Silva (2019), apresenta contribuições das IAA para a compreensão dos fenômenos psicopatológicos, segundo Karl Jaspers, que desenvolveu uma psicopatologia que tem como principal característica a compreensão da história de vida do paciente, e a sua forma de se relacionar com o outro e com o mundo. Jaspers, como outros, foi influenciado pela fenomenologia husserliana. Os resultados mostram que as IAA proporcionam benefícios físicos, sociais e psíquicos aos pacientes com transtornos psicológicos. A interação descontraída, afetiva e livre de preconceitos entre humano e não humano permite melhor comunicação e compreensão dos fenômenos psicopatológicos pelo psicoterapeuta, facilitando que esse acesse de maneira mais efetiva o mundo do paciente para compreendê-lo. Além disso, o animal também exerce a função de afeto catalisador sendo um ponto de contato do paciente com a realidade, mediando assim a formação de vínculos com outras pessoas.

Os resultados dos trabalhos 4 de Bastos (2018), e 5 de Silva (2019), aliados aos resultados dos demais, são bastante animadores, e podem ser, de certa forma, extrapolados para uma prática integrada entre IAA e psicoterapia fenomenológica em geral. Mostram, em linhas gerais, que a relação empática, de afeto e cuidado entre animal humano e não humano, nas IAA, pode ajudar bastante o trabalho do psicoterapeuta de atitude fenomenológica.

Considerações finais

As análises mostram que a fenomenologia é capaz de identificar aspectos responsáveis pelo sucesso com IAA. Mostram também que, para a fenomenologia, o sucesso da psicoterapia nas IAA se dá pelo vínculo estabelecido na relação entre humano e não humano, e não a concepção de uma realização





técnica da prática, sendo o elemento principal na relação entre humano e não humano nas IAA, a empatia, ou vínculo empático.

Na psicoterapia fenomenológica a empática relação entre pessoa em tratamento e o psicoterapeuta, é fundamental para que este faça as reduções propostas por Husserl. Na redução eidética deve-se colocar o mundo entre parênteses buscando como a realidade se manifesta ao ser, buscando o sentido do fenômeno, ou seja, deve-se fazer a *epoché*. O processo psicoterapêutico depende da captação da essência das coisas, da compreensão do fenômeno por parte do psicoterapeuta, o que depende, além de sua capacidade, da qualidade da história contada pela pessoa em tratamento. É nesta compreensão do fenômeno que as IAA contribuem, pois o vínculo estabelecido com o animal não humano deixa a pessoa mais relaxada e aberta para contar sua história. Indo além, o vínculo facilita a redução transcendental, que tem a intenção de compreender quem é o sujeito que elabora o sentido das coisas, como um sujeito universal.

De uma forma geral, os resultados mostraram que as IAA aplicadas em psicoterapias e a psicoterapia fenomenológica aplicadas em clínica possuem aspectos semelhantes em suas estruturas essenciais, que podem possibilitar uma prática integrada. Ou seja, a psicoterapia fenomenológica tem muito a ganhar se realizada com IAA.

Referências

- Bastos, F. F. (2018) *Acompanhamento terapêutico (AT), terapia assistida por animais (TAA) e psicologia fenomenológica: diálogos de uma prática integrada sustentada pelo conceito de mundo-da-vida*. Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da UFMA para obtenção de grau de Psicólogo, 84f. Disponível em: <<https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/3054/1/FELIPE-BASTOS.pdf>>. Acessado em: 10/02/2019.
- Bastos, F. F. & Borba, J. M. P. (2018) A terapia assistida por animais (TAA) e a psicologia: um estudo fenomenológico das diferentes modalidades de vínculos entre humanos e demais animais na terapêutica. *Ambivalências*, 6(11), 242-267.
- Borba, J. M. P. (2017). Contribuições da educação assistida por animais – EAA para a psicologia da educação: uma análise fenomenológica. *InterEspaço*. Grajaú/MA, 3(11), 187-210.
- Cardoso, C. L. (2018) Apontamentos sobre a utilização do método fenomenológico na psicoterapia. In: J. P. Giovanetti. *Fenomenologia e psicologia clínica*. Belo Horizonte: Artesã.
- Chelini, M. O. M. & Otta, E. (2016). *Terapia assistida por animais*. Barueri, SP: Manole. 2016.
- Cerbone, D. R. (2012). *Fenomenologia*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Giovanetti, J. P. (2018). Fenomenologia e prática clínica. In: _____. *Fenomenologia e psicologia clínica*. Belo Horizonte: Artesã.
- Goto, T. A. (2008). *Introdução à psicologia fenomenológica: A nova psicologia de Edmundo Husserl*. São Paulo: Paulus.
- Machado, J. A. C., Rocha, J. R., Santos, L. M. & Piccinin, A. (2008). A. Terapia assistida por animais (TAA). *Revista científica eletrônica de medicina veterinária*. Ano VI, n. 10.
- Mendonça, M. E. F. Silva, R. R., Feitosa, M. J. S. & Peixoto, S. P. L. (2014). A terapia assistida por cães no desenvolvimento socioafetivo de crianças com deficiência intelectual. *Cadernos de Graduação: Ciências Biológicas e da Saúde*, 2(2), 11-30.



Ranieri, L. P. & Barreira, C. R. A. (2012). A empatia como vivência. *Memoradum*. Belo Horizonte, 23, 12-31.

Silva, C. H. (2004). *Equoterapia para cegos: teoria e técnica de atendimento*. Dissertação de mestrado em Psicologia, Universidade Católica Dom Bosco, UCDB, Campo Grande, MS. Disponível em: <<https://site.ucdb.br/-public/md-dissertacoes/7811-equoterapia-para-cegos-efeitos-e-tecnica-de-atendimento.pdf>>. Acessado em: 18/07/2019.

Silva, L. V. C. (2019). *Diálogos entre as intervenções assistidas por animais – IAA's e a psicopatologia fenomenológica: possibilidades clínicas de intervenção em psicologia*. Dissertação (mestrado), 145f., programa de pós-graduação em psicologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA. Disponível em: <<https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/2774>>. Acessado em: 10/07/2019.

Silveira, N. (1992). *O mundo das Imagens*. São Paulo: Ática.

Sokolowski, R. (2012). *Introdução à fenomenologia*. São Paulo: Edições Loyola.

Souza, R. L. V. (2017). *A equoterapia enquanto possibilidade de vivência empática*. Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia da UFMA para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia 66 f. Disponível em: <<https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/3043/1/RAYANA-SOUZA.pdf>>. Acessado em: 10/11/2018.

